

CAPÍTULO 8

TRADIÇÕES HERMÉTICAS E AS PERSPECTIVAS DA PSIQUÉ EM C. G. JUNG

Carlos Augusto Serbena

Psicólogo. Professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e integrante permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR na linha de Psicologia Clínica. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006), mestre em Psicologia e Sociedade pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999) e. Participa do GT da ANPPEP Epistemologia da Psicologia Analítica e Interfaces. Tem feito pesquisas, orientado trabalhos, ministrado disciplinas e realizado supervisão clínica em Psicologia Analítica, psicoterapia, fundamentos e interfaces com a fenomenologia.



Em 1979 foi lançado nos Estados Unidos o filme “Hair” baseado na peça musical homônima que tinha estreado na Broadway uma década antes. O filme dirigido por Milos Forman foi um sucesso de crítica e público e foi considerado o retrato fiel da geração da década de 1960 com o movimento hippie, a contracultura e o protesto contra a guerra do Vietnã (GloboNews, 2014). A música “Aquarius” ou “Age of Aquarius” deste musical, inicia com o verso “Quando a lua estiver na sétima casa; E Júpiter alinhar-se com Marte; Então a paz guiará os planetas; Este é começo da Era de Aquarius”¹ e segue com o refrão “A Era de Aquarius, Aquarius, Aquarius” (tradução nossa). A música e a expressão “Era de Aquarius” relatam um momento de questionamento a sociedade tradicional, aos seus valores e as religiões estabelecidas propondo uma transformação na cultura, na sociedade e na espiritualidade tradicional nas décadas de 1960 e 1970 sendo denominada posteriormente de “New Age” ou “Nova Era”, tal como a letra da música indica.

¹ no original “When the moon is in the Seventh House; And Jupiter aligns with Mars; Then peace will guide the planets;

O movimento New Age sofreu transformações posteriormente a década de 1970 assumindo novos contornos, inclusive este termo designando um movimento difuso ganha notoriedade nos Estados Unidos e Europa na década de 1980 (Honegraff, 2005). O movimento original possuía uma metafísica relativamente coerente com forte influência ocultista, valores comunitários, amor altruísta, dedicação a comunidade e expectativa milenarista de transformação – Era de Aquarius. Entretanto, nas décadas seguintes o movimento se tornou mais difuso, complexo e abrangente. Os valores se modificaram para uma ênfase no indivíduo e na sua transformação pessoal em vez do questionamento social que implica em uma forte adequação as leis do mercado da sociedade ocidental moderna. Apesar das noções básicas serem oriundas do esoterismo ocidental moderno do Renascimento, estas foram reformuladas ao longo do tempo emergindo um esoterismo secularizado (Honegraff, 2005).

Neste movimento, o pensamento de C. G. Jung foi considerado fundamental e extremamente influente (Tacey, 1998) e apresentam confluências, mas divergências fundamentais. O pensamento junguiano e da Nova Era são consoantes na concepção de busca de totalidade, do significado espiritual ultrapassa as instituições religiosas e “interessados em explorar fontes não-cristãs, pré ou pós-cristãs, de significado espiritual; ambos estão interessados em gnose, alquimia e tradições contemplativas orientais” (Tacey, 1998, p.2). Jung e a Nova Era ponderam que a sociedade ocidental enfatizou, em termos arquetípicos e simbólicos, o princípio masculino erigindo socialmente o patriarcado e ocorreu um processo compensatório e complementar baseado no “princípio feminino” que “tem ligações com o Romantismo, a Gnose, o Paganismo, o Naturalismo, o Nudismo, e o Ocultismo” (Tacey, 1998, p. 3).

Segundo Tacey (1998) o pensamento da Nova Era não pode ser considerado junguiano e este é até crítico em relação ao mesmo. As principais ressalvas a Nova Era seriam o aspecto universalista e essencialista do seu pensamento, um foco na evitação do sofrimento, na beatitude e na dissolução da tensão entre opostos, no aspecto egosintônico, construtivo e positivo do contato com o inconsciente, mundo e ser humano. Isto acarreta uma rejeição e negação da sombra e do sofrimento necessário a diferenciação da personalidade como um todo e, por consequência, na indiferenciação entre o ego e o inconsciente e a alma, numa regressão da personalidade a unidade primitiva com o inconsciente. Neste último, temos então o maniqueísmo, a idealização, a projeção e a identificação inconsciente com determinadas imagens e personalidades.

Entretanto, Tacey (1998) também aponta aspectos construtivos da Nova Era, pois “Jung possivelmente consideraria o interesse da Nova Era por totalidade como uma prefiguração arcaica e incompleta de uma totalidade futura verdadeiramente autêntica” (Tacey, 1998, p. 11).

Deve-se salientar que o pensamento da Nova Era ou New Age é uma apropriação e reformulação das tradições espirituais tradicionais aqui denominadas de forma ampla

This is the dawning of the age of Aquarius; The age of Aquarius. (Hair, 1979).

como tradições herméticas e, deste modo, não se confunde com o pensamento gnóstico, com o hermetismo e o ocultismo clássicos e históricos apresentando muitas variações e especificidades de acordo com o contexto em que se insere.

Da mesma forma o pensamento junguiano não se apresenta como um sistema completo e elaborado, pois Jung era mais um pensador de problemas do que de sistemas e teorias sistematizadas. Isto permite muitas interpretações do pensamento junguiano, inclusive aquela que confirma os aspectos simplistas e regressivos da Nova Era salientados por Tacey (1998). Devemos retomar aspectos da relação do pensamento junguiano com o pensamento hermético a fim de evitar estes enganos em relação a Jung e salientar os aspectos construtivos de todo este movimento de renovação e transformação espiritual e do ser humano. Isto é importante, pois o pensamento junguiano e o pensamento hermético estão nas origens das concepções da Nova Era.

A obra coletada de Jung é extensa, possui 28 volumes e abrange textos de 1902 a 1957. Ela trata de diversos temas e objetos com extensa referência, reflexões e apontamentos e se modificando ao longo de sua elaboração. Apesar de extensa abordagem da religião, alquimia e gnose. Jung sempre se considerou um empirista, psiquiatra e cientista abordando a vivência humana como um todo, sem preconceitos materialistas.

Um acontecimento fundamental para a existência e o desenvolvimento da obra junguiana está expresso no texto Livro Vermelho ou Liber Novus que “narra e ilustra belamente as fulgurantes e aterradoras visões de C. G. Jung, acontecidas entre 1913 e 1916 ou 1917 e, seu audaz, intento de compreendê-las” (Nante, 2018, p. 37). Ele poderia ter sucumbido ou se identificado com estas imagens oriundas do inconsciente e, deste modo, ter uma patologia na personalidade ou se tornar uma espécie profeta moderno inaugurando uma nova cosmovisão espiritual tal como Stern (1977) e Noll (1996). Entretanto, Jung considera que realizou uma espécie de “experimento científico” procurando compreender estas experiências, na medida do possível, de forma “científica” e construir uma base de realidade para as mesmas, pois para ele, “minhas buscas científicas foram o meio e a única possibilidade de arrancar-me a esse caos de imagens; de outro modo esse material se agarraria a mim como ferrões” (Jung, 1987, 171).

A obra junguiana então representa um esforço de elaboração destas experiências e segundo Reisdorfer (2009) emergiram três diferentes modelos ou perspectivas de psique para Jung. A partir destes modelos podemos pensar a relação para Jung entre a ciência e os saberes herméticos tais como a alquimia, a gnose e a astrologia que são fundamentais para a compreensão de sua obra.

Esta compreensão é importante para auxiliar a responder a questão que Nante (2018) coloca de uma maneira direta e que Jung certamente experienciou, refletiu e procurar indicar um caminho em sua época e que retorna atualmente em nova forma. Como evitar os extremos de um cientificismo rigoroso, mas vazio por um lado, e, por outro, de uma mítica fabulosa e vã que alcança suas formulações infelizes com a *New Age*? (Nante, 2018, p. 203)

MODELOS DA PSIQUE PARA JUNG

Reisdorfer (2009) sustenta em sua tese que “é possível identificar na psicologia junguiana o desenvolvimento de pelo menos três modelos epistemológicos análogos aos modelos bionianos: modelo científico, modelo estético-artístico e modelo místicoreligioso” (p.3). Na base destes modelos estaria o “caráter inacessível e desconhecido do inconsciente, portador de um excesso de sentido que ultrapassaria as diversas formas de abordá-lo.” (Reisdorfer, 2009, p.3). Interessa evidenciar que ambos autores, W. Bion e C. G. Jung, partilham de algumas similaridades “por exemplo, uma ênfase na realidade psíquica, nos aspectos transcendentais da psique e da experiência, e na influência mútua na situação analítica”² (Winborn, 2017, p. 85 – tradução nossa) e ambos, segundo Winborn (2017) compartilhavam da concepção de um inconsciente criativo e generativo, da realidade psíquica e da importância e abertura da importância da espiritualidade e do numinoso na psicoterapia. Deste modo, os modelos de compreensão da psique em Jung e Bion não permaneceram estáticos e se transformaram apresentando algumas similaridades e diferenças, mas ambos abordando o inconsciente como transcendente, incognoscível e pleno de sentidos que ultrapassa a capacidade de compreensão e representação da consciência egóica. Neste sentido, e impossibilidade de uma teoria que abarcasse todos os fenômenos foram se erigindo modelos da psique que se transformaram no processo de compreensão da psique e do inconsciente.

Reisdorfer (2009) denomina a posição epistemológica de Jung de “perspectivismo junguiano” caracterizando no mesmo como no qual todo “conhecimento é condicionado por pressupostos subjetivos, carregando em si uma visão de mundo particular e limitada, não podendo, desse modo, aspirar à universalidade ou à objetividade, entendida como representação verdadeira (e única) da realidade” (p. 16) cujos fundamentos seriam oriundos de suas leituras de William James e F. Nietzsche, sua experiência pessoal e clínica.

Nesta compreensão do pensamento junguiano, descrita e exposta por Maroni (2008), três modelos de psique, similares aos modelos do psicanalista W. Bion, são utilizados por Jung de acordo com o objeto de sua reflexão. Segundo Maroni, seriam os modelos científico, artístico e o místico, similares aos modelos científico, estético-artístico e místico-religioso de Bion respectivamente. Para evitar confusão com o senso comum a respeito da religiosidade, consonância com as referências do Círculo de Eranos e a ênfase na questão simbólica no pensamento junguiano sobre a alquimia, a denominação do último modelo como mitico-simbólico me parece mais adequada e será adotada no texto.

O modelo científico corresponde principalmente a fase inicial do pensamento junguiano, no seu trabalho no Hospital Psiquiátrico de Burgholzi com Bleuer, os testes experimentais de associação de palavras, o desenvolvimento inicial da teoria dos complexos e se consolidando na sua posição acadêmica e na sua relação com Freud. Jung

2 No original “e.g., an emphasis on psychic reality, transcendent aspects of the psyche and experience, and the mutuality of influence in the analytic situation” (Winborn, 2017, p. 85).

“ o laboratório de psicopatologia experimental organizado por Jung nos anos 1904/1905 foi local de desenvolvimento de uma técnica apurada que visava apreender o que o autor denominava complexos afetivos” (Gewehr, 2019) e encontra no trabalho de Freud os elementos teóricos para compreender estes aspectos objetivos do funcionamento psíquico que encontra no laboratório e em suas pesquisas (Gewehr, 2019) e deste modo a teoria dos complexos pode ser visto como uma forma de comprovação experimental das teses sobre o inconsciente de Freud.

Entretanto, mesmo com o reconhecimento acadêmico e conhecimento da ciência psiquiátrica da época (1900-1910) Jung exposto em seus trabalhos iniciais (Jung, 1986; Jung, 1995 e Jung, 1994) e Jung mantinha uma certa reserva em relação a adequação da ciência tradicional, positiva e objetiva em relação a psique. Disto decorre, se aproxima cada vez mais da psicanálise de Freud chegando a ser indicado por Freud como seu sucessor.

Entretanto, apesar do relacionamento estreito entre Freud e Jung entre 1906 e 1913 existiam diferenças fundamentais na concepção de ciência e da mente que implicam em diferenças teóricas e que levam ao rompimento entre ambos. Jung em 1925 numa carta (Jung, 2013) descreve os alguns princípios que diferenciam seu pensamento da psicanálise de Freud e que podemos elencar em (i) hermenêutico ou interpretativo pois não fatos objetivos mas vivências subjetivas, (ii) finalismo na qual refuta a determinação unicamente causal e biográfica da psicanálise afirmando que os fenômenos psíquicos possuem uma finalidade e uma direção e (iii) existência de um instinto religioso na psique implicando que ela não é uma tábula rasa mas há elementos nela que possuem um caráter numinoso. Estas diferenças já estavam presentes, embora não formuladas claramente, quando Jung se encontrou com Freud e ao serem expostas e desenvolvidas juntamente com uma noção ampliada da libido além da sexualidade em artigos em 1911 e 1912 que compõe o livro “Jimbolos da transformação” selaram o rompimento entre Freud e Jung.

Este rompimento de Jung com Freud acarretou uma profunda crise em Jung. Neste período houve seu afastamento do movimento psicanalítico, uma crise pessoal que acarreta uma orientação para seu mundo interno e que Jung descreve no Livro Vermelho (Jung, 2010). Neste Jung narra e mostra por meio de desenhos, imagens, figuras e caligrafia muito trabalhadas e ilustradas o seu confronto ou diálogo com o inconsciente. Este movimento leva a um questionamento da consciência egóica de Jung e, de certo modo, indica um sentido e um movimento de contato com as figuras e imagens profundas do inconsciente.

Sobre este período Jung relata

Hoje posso dizer que nunca me afastei de minhas experiências iniciais. Todos os meus trabalhos, tudo o que criei no plano do espírito provêm das fantasias e dos sonhos iniciais. Isso começou em 1912, há cerca de cinquenta anos. Tudo o que fiz posteriormente em minha vida está contido nessas fantasias preliminares, ainda que sob a forma de emoções ou de imagens (Jung, 1987, p. 170).

Este percurso atravessado por Jung marca também uma mudança de perspectiva no seu pensamento, acrescentando ao modelo científico da teoria dos complexos um modelo que valorizada a fantasia e as imagens do inconsciente, a posição subjetiva e única de cada indivíduo, seu relacionamento com o inconsciente e com o mundo interno e externo. Assim, no trabalho de Jung nos anos de 1910 a década de 1920 emerge o modelo artístico ou estético que “aspectos teleológicos, com o sentido e o significado dos fenômenos psíquicos, concentrando-se na prática analítica e na singularidade das vivências pessoais” (Maroni, 2008, pp. 77-87).

Podemos colocar que a obra “Tipos psicológicos” (Jung, 1991) condensa esta perspectiva, pois explora a relação e diálogo entre consciente e inconsciente a partir do movimento da energia psíquica prevalente em determinada psique individual (extroversão ou introversão) e da função psíquica predominante no ego deste indivíduo (sensação, intuição, sentimento ou pensamento). A partir disto, Jung explora as implicações do tipo psicológico (extrovertido ou introvertido) e da função na percepção de mundo, relação consigo mesmo e com os outros e dificuldade para a integração da personalidade.

O confronto de Jung com o seu inconsciente, que iniciou na década de 1910, teve importância fundamental e segundo Jung “foi um trabalho que se estendeu por longos anos e só depois de mais ou menos vinte anos cheguei a compreender em linhas gerais os conteúdos de minhas fantasias” (Jung, 1987, p. 177).

Para compreender estas fantasias, Jung estuda o pensamento gnóstico de 1918 a 1926 pois considera que, de certo modo, eles “terem encontrado, a seu modo, o mundo original do inconsciente” (Jung, 1987, p. 177). Jung percebeu que as fantasias e imagens vividas por ele durante o seu confronto com o inconsciente eram similares as imagens e temas aos escritos da alquimia do pensamento gnóstico do inicio da Era Cristã e do período medieval. Deste modo, o pensamento gnóstico e alquímico foram fundamentais para uma nova compreensão de suas experiências pessoais e da psique pois, como ele mesmo relata “o encontro com a alquimia foi para mim uma experiência decisiva; nela encontrei as bases históricas que até então buscara inutilmente.” (Jung, 1987, p. 177).

A psicologia do inconsciente, para Jung, recupera na época moderna sob a narrativa científica e da psicologia um conhecimento sobre o inconsciente e seus processos que estava rompido historicamente pois houve a repressão da gnose e da alquimia no pensamento cristão e sua desvalorização como erro e engano com o pensamento científico moderno. O tema fundamental que se manifestava na alquimia e, como relatou Jung, “no centro das minhas descobertas psicológicas encontra-se de novo um processo de transformação interior: a individuação.

Este contato de Jung com a alquimia, suas experiências com o inconsciente, sua própria experiência clínica e suas reflexões alteraram novamente sua compreensão da psique emergindo uma nova perspectiva ou modelo, o místico segundo Maroni (2008) ou simbólico-mítico na minha acepção. Este modelo, desenvolvido a partir da década de 30,

após o contato de Jung com textos alquímicos, estaria preocupado com o aspecto iniciático do processo de individuação. (Maroni, 2008, pp. 77-87).

Durante a década de 1930 e 1940, Jung publica vários estudos sobre a alquimia e profere palestras relativos no Círculo de Eranos com esta temática. Eles são reunidos e publicados em 1944 no livro “Psicologia e Alquimia” (Jung, 2011).

O pensamento de Jung abordou diferentes temáticas incluindo temas controversos e desvalorizados na ciência objetiva e positivista tais como gnose, sonhos, alquimia, sincronicidade e astrologia, mitos e religião. Apesar disto, ele sempre considerou que “A psicologia analítica faz parte essencial das ciências da natureza; entretanto, está submetida mais do que qualquer outra aos preconceitos e condicionamentos pessoais do observador” (Jung, 1987, p. 177).

Deste modo, para Jung o ponto de partida para o diálogo e relacionamento da psicologia com os outros saberes tais como as tradições herméticas foi a ciência, no caso a ciência psicológica. Ele sempre se considerou um empirista, um fenomenólogo e interessado em compreender a psique e seus desafios para a ciência. Obviamente, com o desdobramento do seu pensamento psicológico suas concepções sobre psique, conhecimento científico e ciência se modificaram e, consequentemente o diálogo da psicologia analítica com as tradições herméticas.

Assim, vendo a concepção de ciência para cada perspectiva ou modelo de psique elencados acima (científico, estético e mítico-simbólico) podemos inferir as formas de diálogo da PA com as tradições herméticas.

Podemos considerar que cada modelo ou perspectiva possui uma obra ou livro nas obras coletadas (OC) de Jung que representa sua concepção de psique e de conhecimento. A saber, para o modelo científico os Estudos Psiquiátricos, para modelo estético os Tipos psicológicos e para o modelo mítico Psicologia e Alquimia. As diferentes as concepções de Jung para a ciência psicológica podem ser descritas a partir de uma seleção extratos dos textos ou parágrafos destas obras nas quais o autor comenta ou cita especificamente sobre este tema (ciência) indicado pela presença do termo “ciência”.

MODELO CIENTÍFICO: COMPLEXOS

O laboratório de psicopatologia experimental em Burgholzli, onde Jung realizou os testes com associação de palavras seguia os cânones e os objetivos do conhecimento médico e psiquiátrico do início do século XX, inclusive, o Hospital psiquiátrico de Burgholzli era um dos principais centros da época. O conhecimento sobre a mente, consciência e psique estava em grande transformação nesta época. Estes temas estavam saindo da esfera da religião, metafísica e tradições espirituais ou míticas e sendo abordados pelo método científico da época baseados na experimentação, mensuração, observação, hipóteses e raciocínio dedutivo. Assim, saía de cena as tradições herméticas, a astrologia, a religião,

o magnetismo e se desenvolvia a busca por uma psicoterapia científica para tratamento das doenças da “alma” cujo trabalho no laboratório de psicopatologia experimental em Burgholzli era exemplar. Inclusive o termo “alma” era desconsiderado como um resquício da metafísica e da religião (Ellenberger, 2024).

Deste modo, a medicina e, por consequência, a psiquiatria tornam-se parte da ciência e a psicoterapia se torna um campo para aplicação prática destes princípios e conhecimentos de base científica. Assim “o médico – o psiquiatra, inclusive – torna-se cada vez mais um técnico e um especialista” (Ellenberger, 2024, p. 60). Isto acarreta uma mudança na consideração sobre os demais campos ou saberes sobre a “alma”, “personalidade” ou psique, isto é, os saberes tradicionais, populares, religiosos e não científicos que Ellenberger explicita muito bem:

Uma vez que a ciência é um conhecimento abrangente, ela não pode admitir a validade de cura extracientífica; daí o menosprezo da medicina “social” por todos os tipos de medicina primitiva e popular – esta última contendo vestígios da medicina primitiva e da medicina científica inicial (2024, p. 60).

As terapias não científicas foram então consideradas como “primitivas”, em uma etapa anterior do desenvolvimento das terapias científicas. Ista acarreta claramente um juízo de valor negativo e uma desvalorização sobre as terapias ditas “primitivas”, normalmente ligadas aos saberes tradicionais e as tradições espirituais ocidentais “herméticas”. O autor ainda salienta que a moderna psicoterapia dinâmica (que incorpora a noção de inconsciente) tem suas raízes nesta “medicina primitiva” e nas suas derivações pré-modernas que se desenvolveram em sequência, o exorcismo, magnetismo, o hipnotismo e após este a psiquiatria início do século XX.

As principais diferenças entre ambas foram sintetizadas por Ellenberger (2024, p. 70) na tabela abaixo:

Cura primitiva	Terapia científica
1. O curandeiro é muito mais que um médico; ele é a personalidade mais importante de seu grupo social	1. O terapeuta é um especialista entre muitos outros
2. O curandeiro exerce a sua ação primordialmente por meio da sua personalidade.	2. O terapeuta aplica técnicas específicas de uma forma impessoal
3. O curandeiro é preponderantemente um psicossomaticista; ele trata muitas doenças físicas por meio de técnicas psicológicas	3. Há uma dicotomia entre terapia física e terapia psíquica. Na psiquiatria, a ênfase está no tratamento físico da afecção mental
4. A formação do curandeiro é longa e exigente, e frequentemente inclui a experiência de uma doença emocional grave que ele tem de superar a fim de ser capaz de curar outras pessoas	4. A formação é puramente racional e não leva em consideração os problemas pessoais, médicos ou emocionais do médico
5. O curandeiro pertence a uma escola que tem os seus próprios ensinamentos e tradições, divergindo dos de outras escolas	5. O terapeuta age com base numa medicina unificada, que é um ramo da ciência, e não um ensinamento esotérico

Neste contexto, apesar do seu domínio das técnicas, métodos e conhecimento científico psiquiátrico da época, Jung sempre manifestou uma certa reserva a possibilidade do ponto de vista materialista, objetivo, causal e experimental da ciência pudessem abranger toda a experiência, conhecimento da personalidade humana.

É particularmente revelador o que ele escreve sobre a insuficiência do materialismo no estudo da psique e a necessidade de considerar um aspecto não material ou psíquico. Com Jung coloca: “Mesmo se fossem comprovados achados anatômicos ou sintomas orgânicos regulares, a ciência não poderia supor que o ponto de vista psicológico pudesse ser abandonado e o contexto psicológico, sem dúvida presente, desprezado” (Jung, 1986, §319)

A insuficiência do princípio materialista e da ciência da época para compreensão das obras e ações humanas é explicitada quando Jung questiona como compreender a obra de Fausto de Goethe e mostra o seu caráter redutivo ao questionar como compreender a construção de uma catedral na Idade Média sem considerar a doutrina da salvação católica. (Jung, 1986, §396). Assim, Jung sempre mantém reserva e questionamento a respeito da adequação desta ciência psiquiátrica em compreender a psique, pois “nossa ciência identifica-se com o princípio de causalidade. Por outro lado, quando observamos a psique numa perspectiva causal, ela sempre nos desilude, apresentando-se como um contínuo devir” (Jung, 1986, §.409)

Em termos epistemológicos, Gewehr (2019) esclarece colocando que “Jung está imerso num ponto de tensão entre o naturalismo próprio ao romantismo alemão e o naturalismo metodológico que forneceu a base das ciências naturais” (p.1) salientando a questão dos opostos e sua confrontação que permeia toda a obra junguiana.

Neste sentido podemos levantar a hipótese de que a teoria dos complexos de Jung com toda a sua fundamentação experimental está vinculado ao pólo do naturalismo metodológico e, por consequência, ao saber científico, lógico e causal apesar da tensão subjacente com a seu vínculo com o romantismo alemão. Este, segundo Reisdorfer (2003) influenciou o pensamento de Jung na valorização do sentimento, da arte, das paixões, dos mitos, na concepção da imaginação criação como meio de acesso ao saber e de uma natureza dinâmica, criadora e geradora que transcende o ser humano e na qual ele se insere.

Partindo deste polo científico e naturalista, o modelo de psique de Jung vai se deslocando em direção ao pólo relacionado ao romantismo alemão, ou seja, ao modelo estético-artístico.

MODELO ESTÉTICO ARTÍSTICO

Isto pode ser observado nas próprias palavras de Jung em sua autobiografia “Memórias, sonhos e reflexões” no qual relata seus trabalhos iniciais: “Com as experiências

de associações (1903), começo minha atividade científica propriamente dita. Considero-as como meu primeiro trabalho realizado na linha das ciências naturais” (Jung, 1987, p.182).

A partir da questão “Que fazer com o inconsciente?” (Jung, 1987, p.182) oriunda do seu confronto com o inconsciente Jung publica alguns trabalhos e elabora o seu livro “Tipos Psicológicos” (Jung, 1991). Ele resume este livro como uma descrição da psicologia da consciência considerada sob um ângulo clínico” (Jung, 1987, p.183), que podemos entender como uma compreensão da dinâmica da consciência a partir de sua posição (equação pessoal) e dinâmica inconsciente. Isto contrasta e complementa o modelo anterior de psique, modelo científico, que observa a psique e o inconsciente de forma “externa”, sob a perspectiva do ego e da causalidade.

Podemos perceber esta mudança de perspectiva em extratos do livro “Tipos Psicológicos” onde Jung descreve mais claramente e desenvolve esta sua matriz romântica da compreensão da psique que estava subentendida no modelo anterior dos complexos.

Assim ele amplia a noção de realidade dentro do pensamento psicológico, pois “realidade é o que atua na alma humana, e não o que alguns acham que lá atue, fazendo generalizações preconcebidas” (Jung, 1991, §54) e criticando o materialismo científico e concepção da ciência como uma verdade absoluta e universal. Para ele, “não se deve esquecer que a ciência não é a “soma” da vida, mas apenas uma das atitudes psicológicas, uma das formas do pensar humano” (Jung, 1991, §54),

Para Jung então, a integralidade da psique não pode ser reduzida ao campo da ciência. A vida e a psique são transcendentes e ultrapassa a racionalidade científica e a sua atitude. Neste sentido, critica a psicologia e psiquiatria científicas da sua época, pois “Se a psicologia continuar sendo para nós uma ciência, não penetraremos na vida – estaremos servindo exclusivamente ao fim absoluto da ciência. Ela nos leva, certamente, ao conhecimento da situação objetiva, mas se opõe a qualquer outra finalidade que não a sua” (Jung, 1991, §83)..

Relaciona o desenvolvimento da consciência egoica e individual do sujeito ocidental com “trabalho despsicologizante da ciência objetiva.” (Jung, 1991, §9). Jung considera isto um processo de desenvolvimento cultural, que ao incrementar a consciência com sua capacidade de juízo e de diferenciação possibilitou um grande desenvolvimento do espírito humano pois, segundo ele, “O produto espiritual que ultrapassa em qualquer aspecto o desempenho do mundo antigo é a ciência. Ela superou a cisão entre o homem e a natureza; distinguiu o homem da natureza e, exatamente por isso, fez com que ele encontrasse novamente seu verdadeiro lugar dentro da ordem natural.” (Jung, 1991, §1035), no caso, ontologicamente no centro da natureza.

No texto denominado “Psicologia analítica e cosmovisão” (Jung, 2011a) publicado originalmente em 1928, Jung desenvolve mais explicitamente a questão da ciência. Segundo ele, a cosmovisão ou visão de mundo (*Weltanschauung*) pode ser considerado um modelo de interpretação, organização e compreensão do mundo que realiza a mediação entre o

sujeito e o mundo e o posicionamento deste sujeito no mundo (Palmeira e Gewehr, 2015). A cosmovisão da Idade Média, e as cosmovisões do pensamento mágico, mítico e das tradições herméticas possuem como característica uma visão totalizante do mundo, com mistura entre a realidade externa o mundo interno, implicando então na ação da projeção, na presença de fantasias e na indiferenciação entre sujeito e objeto. Entretanto, segundo (Palmeira e Gewehr, 2015), por detrás da cosmovisão existe a atitude definida como “a organização de conteúdos e disposições psicológicas para algum objetivo específico ou por meio de um princípio norteador” (Palmeira e Gewehr, 2015, p. 71). Observa-se que a cosmovisão pode ser consciente ou inconsciente, mas ela é “determinada pela formulação da atitude em conceito, de modo a entender o posicionamento em relação ao mundo e suas próprias ações” (Palmeira e Gewehr, 2015, p. 71).

Isto implica que a consciência do ser humano se modifica conforme o contexto sócio-histórico e com a cultura, considerando a um aspecto evolutivo desta mesma consciência no qual a emergência do pensamento científico racional marca um desenvolvimento significativo.

Apesar de considerar a ciência insuficiente para a vida humana, sendo apenas uma parcela pequena desta, pois “uma ciência não é jamais uma cosmovisão, mas apenas o instrumento com que podemos nos construir uma” (Jung, 2011a, §731) de alguma forma Jung coloca a ciência em um degrau superior a cosmovisão por dois motivos. O primeiro é que a ciência não opera com uma verdade absoluta e definitiva, mas modelos da realidade, deste modo “este é o motivo pelo qual a ciência é superior à cosmovisão, pois ela só trabalha com hipóteses. Somente a mente primitiva acredita no ‘nome verdadeiro’” (Jung, 2011a, §735), implicando que a “cosmovisão” é mais “primitiva” que o pensamento científico. Segundo, há um valor ético mais elevado na ciência pois o ser humano anula sua subjetividade, afetos e desejos em função de um objeto e “sacrificou sua personalidade ao espírito objetivo. Por isto é que o espírito científico é também eticamente superior à cosmovisão de estilo antigo” (Jung, 2011a, §736).

Entretanto, apesar de a ciência ser eticamente superior e ser mais desenvolvida, ela é insuficiente para a psique do ser humano. A atitude científica remete apenas a função pensamento ou intelecto, “ciência é um assunto que interessa somente ao intelecto, e que esta é apenas uma dentre várias funções psíquicas fundamentais” (Jung, 1991, §600). Deste modo, esta atitude fornece e possibilita apenas uma visão estreita e parcial do mundo. Entretanto, o ser humano e a psique necessitam e buscam uma atitude, imagem e representação integral do mundo e “para isto é necessário pelo menos uma outra função, o sentimento” (Jung, 1991, §600). Obviamente, a imagem do mundo por meio do sentimento irá diferir de uma imagem intelectual do mesmo, mas nem por isso será inferior ou menor de que uma concepção ou imagem intelectual do mesmo.

A exclusão pela ciência do sentimento e da fantasia e favor do pensamento e do intelecto gerou uma oposição entre ambos e uma “supervalorização de concepções

apoiaadas “na ciência”” (Jung, 2011a, §426). Isto tem por consequência uma unilateralidade prejudicial ao próprio ser humano, pois “Todas estas concepções se referem ao conhecimento dos objetos externos, e isto de modo tão unilateral, que hoje em dia o retardamento da psique e sobretudo o do conhecimento em particular se tornou o mais urgente problema contemporâneo (Jung, 2011a, §426)

Esta unilateralidade do lado da ciência impede o processo psíquico em direção a totalidade pois ela é “um fim em si mesma” (Jung, 1991, §82), mas também apenas a atitude do sentimento é incompleta pois “falta a força visionária do pensamento” (Jung, 2011, §82) sendo necessária o exercício de ambas as atitudes para o caminho da totalidade. Avaliando o contexto cultural do início do século XX, Jung coloca que há “oposição entre eles é tão grande que há necessidade de uma ponte” (Jung, 1991, §82) que realizaria a conexão e a mediação entre a atitude científica e o sentimento e seria algo diferente de ambas. Jung relata que a fantasia criadora seria esta ponte sendo “a mãe de ambos – e mais, está grávida da criança, da finalidade, que concilia os opostos” (Jung, 1991, §82).

Se esta cisão ou oposição entre o intelecto e o sentimento e a fantasia forem considerados como constitutivos da psique humana, é possível que tenhamos “uma psicologia, uma ciência intermediária capaz de, só ela, conciliar ideia e objeto sem violentar nem um nem outro. A própria essência da psicologia lhe permite isto” (Jung, 1991, §68).

Esta psicologia, como ciência mediadora e intermediária, transcende o campo da ciência apenas materialista e intelectualista que aborda o objeto de forma causal, externa, neutra e mecânica resgatando a característica criativa e da psique e da natureza e, deste modo, “o intelecto e, com ele, a ciência, é colocado aqui a serviço da força e intenção criadoras” (Jung, tipos, §81). Este processo e dinamismo, não é apenas uma atividade científica ou intelectual mas “psicologia no sentido mais amplo da palavra, uma atividade psicológica de natureza criadora, na qual a fantasia detém o primado (Jung, 1991, §81).

Para Jung então “jamais haverá um método experimental que satisfaça à essência da alma humana ou que trace uma imagem bastante fiel dos complicados fenômenos anímicos” (Jung, 1991, §741), pois ele constata a insuficiência do materialismo, do racionalismo científico para aborda a psique humana e da necessidade de valorização do sentimento e da fantasia criadora o que implica na necessidade de complementar a teoria dos complexos com uma abordagem que considere a fantasia criativa, a imaginação e o sentimento na compreensão da psique e no trabalho da psicoterapia ultrapassagem do modelo da psique constituindo um modelo de compreensão estético-artístico da psique.

Neste modelo estético artístico ocorre um distanciamento e relativização da atitude científica, pois esta aborda o geral, o universal, o causal e previsível no objeto e, deste modo, acaba por reduzir a individual e específico a uma norma ou regra geral. Na prática clínica, isto implica a adaptação do individua a sociedade e ao coletivo. Isto contrasta tanto com seu processo pessoal de confronto com o inconsciente quanto a sua nova concepção de psique. Nesta, há uma valorização do significado dos fenômenos psíquicos, recuperando

o aspecto teleológico da psique que se manifesta na diferenciação do ser humano dos seus aspectos coletivos. Ocorre uma transformação e novidade na psique que é a emergência de uma individualidade na qual a fantasia criativa, a imaginação e a função sentimento se mostram fundamentais. Isto implica que aspecto fundamental do processo psicoterapêutico não é a aplicação de uma técnica ou especialidade, mas, exatamente devido a fantasia criativa, a imaginação e ao sentimento, um ofício semelhante a da criação artística.

Apesar do incremento da compreensão da psique oriundo do novo modelo da psique, Jung ainda reconhece por sua própria experiência nas vivências e imagens oriundas do seu confronto com o inconsciente e de sua vida pessoal e também sua posição epistemológica derivada do romantismo. Ele mesmo coloca que “Na psicologia de hoje somos forçados a admitir que o psíquico, na qualidade de mais imediato, é o mais desconhecido, ainda que pareça o mais plenamente conhecido” (Jung, 1991, §984) e avalia que a psicologia como ciência ainda está distante de uma compreensão ou abordagem adequada a psique e ao inconsciente, pois “nos faltam conceitos e definições para apreender os fatos. Faltam conceitos e definições, mas não faltam fatos” (Jung, 1991, §984)

Para Jung, havia muitos “fatos” na sua experiência pessoal e clínica para os quais ele não possuía conceitos ou alguma base histórica e cultural para compreender adequadamente os mesmos, especialmente alguns sonhos relatados em sua autobiografia (Jung, 1997, p. 178) e aquelas oriundas do confronto com o inconsciente iniciadas em 1913 e que se prolongaram por vários anos e foram ilustradas e narradas no Livro Vermelho (Jung, 2010). Esta “escrita” deste livro termina em 1930 um tempo após Jung receber o manuscrito de um tratado alquímico chinês denominado de “O Segredo da flor de ouro” de Richard Wilhelm. Este manuscrito foi muito importante para Jung fornecendo um material simbólico análogo as suas produções no Livro Vermelho e aos seus sonhos, pois “o texto me fornecia uma confirmação inesperada no tocante às minhas reflexões sobre a mandala e à deambulação em torno do centro. Este foi o primeiro acontecimento que rompeu a minha solidão” (Jung, 1987, p. 175).

O confronto de Jung com o inconsciente nas décadas de 1910 e 1920 foram fundamentais para o pensamento junguiano. A partir destas experiências ele desenvolve novas compreensões da psique e seus processos procurando dar um sentido as todas estas vivências e, neste processo, constituindo sempre perspectivas complementares da psique. Em suas próprias palavras, “Foram necessários quarenta e cinco anos para elaborar e inscrever no quadro de minha obra científica os elementos que vivi e anotei nessa época da minha vida” (Jung, 1987, p. 176). Para isto foi fundamental o seu contato com os textos e imagens alquímicas que forneceu além de uma base histórica e descriptiva das suas vivência, uma analogia para compreender os mesmos de forma simbólica.

MODELO MITICO-RELIGIOSO SIMBÓLICO

A partir da publicação em 1929 por Jung do seu comentário sobre o texto alquímico de origem chinesa “O Segredo da flor de ouro” (Jung & Wilhelm, 2017) a obra junguiana aborda diversos temas religiosos, teológicos e míticos para ilustrar, explicar e fornecer analogias aos processos psíquicos. De certa forma, recuperando no seu trabalho científico e psicológico suas vivências e experiências religiosas que sempre fizeram parte de sua vida desde a infância. Como ressalta Reisdorf comentando sobre a presença fundamental destes temas na escrita de sua autobiografia: “Tal ênfase no aspecto religioso e espiritual de sua infância e juventude — por parte de um Jung envelhecido, que olha sua vida em retrospectiva — na descrição do período de sua formação acadêmica e filosófica é indício da posição central que o tema assumiu para sua vida pessoal e profissional” (Reisdorf, 2009, p. 169).

Este aspecto religioso e espiritual, que está vinculado ao campo do inconsciente, mais notadamente do Si-Mesmo e dos arquétipos, sempre presente na vida de Jung e na própria obra junguiana, mas sob diferentes perspectivas. Inicialmente no modelo ou perspectiva científica, o campo religioso é abordado a partir da teoria dos complexos e observação cuidadosa e controlada dos seus efeitos na consciência do sujeito, normalmente o sujeito experimental ou o paciente na psicoterapia. Ainda não está em questão o próprio psicólogo pesquisador. Assim neste modelo, “um sujeito ou uma consciência inquiridora impõe condições ao inconsciente, definindo a linguagem ou forma na qual deverá se manifestar” (Reisdorf, 2009, p. 191).

Posteriormente, impactado e transformado pelo sua experiência com o inconsciente, Jung constitui ou é imposto a ele, uma nova perspectiva que denominamos de estética-artística. Esta enfatiza a característica criativa e generativa do inconsciente, os seus aspectos imagético, dinâmico, transformador e que se apresenta em uma linguagem distinta da consciência. Entretanto, esta perspectiva ainda focaliza na consciência egóica que procura organizar e conter dentro dos limites da consciência egóica o aspecto ilimitado do inconsciente.

Após o contato com a alquimia, nas imagens, narrativas e tratados alquímicos Jung encontra um relato das suas experiências análogas as suas em diferentes contextos sociais e históricos. Isto propicia a Jung um fundamento histórico e fenomenológico para desenvolver e expor uma compreensão psicológica a partir da posição de cientista e pesquisador. Esta nova compreensão denominamos de modelo mitico-simbólico ou religioso da psique. Neste modelo, se “enfatiza” próprio excesso de sentido, a desmedida que escapa às capacidades de delimitação da consciência. Esta, numa posição passiva ou receptiva, assiste assombrada e fascinada às manifestações de um fator transcendente, um não-eu que pode ser descrito como Si-mesmo e como inconsciente coletivo ou arquetípico, numa linguagem psicológica, ou como Deus vivo, numa linguagem religiosa” (Reisdorf, 2009, p. 192).

Apesar de abordar a temas religiosos, metafísicos e espirituais, Jung não se afasta de uma abordagem empírica que relaciona elementos da psique com representações religiosas “abrem uma possibilidade de acesso a conteúdos suscetíveis de serem experimentados, os quais constituem incontestavelmente e de modo manifesto o fundamento empírico e palpável da experiência religiosa (Jung, 2011b, §16). Entretanto, apesar de sempre se colocar como um pesquisador, empirista e que procura se situar dentro do campo científico ele está consciente dos limites do conhecimento científico em relação a psique e a temas religiosos, metafísicos ou míticos.

Segundo a Psicologia Analítica, estes temas são um espaço privilegiado de manifestação das estruturas e constantes antropológicas inconscientes do ser humano, isto é, dos arquétipos e do inconsciente coletivo cuja imagem central e de sua totalidade é o Simesmo ou Self. Na sequência, Jung mesmo relata a que a origem da psique e do arquétipo não é conhecida e ultrapassa a capacidade cognitiva e de representação da consciência humana e da ciência empírica e portanto “a competência da psicologia enquanto ciência empírica não vai além da possibilidade de constatar, à base de uma pesquisa comparativa, se o tipo encontrado na alma pode ou não ser designado como uma ‘imagem de Deus’” (Jung, 2011b, §15).

Neste sentido ele traça claramente o escopo da psicologia enquanto ciência e diferenciando-a da religião, mitos e dos saberes das tradições espirituais e metafísicas, pois “A psicologia, enquanto ciência da alma, deve restringir-se ao seu objeto e precaver-se no sentido de não ultrapassar seus limites, fazendo afirmações metafísicas ou não importa que profissão de fé” (Jung, 2011b, §15).

Estes limites da ciência psicológica não se aplicam apenas a questões epistemológicas mas também a própria personalidade do ser humano e o tratamento psicoterápico. Neste caso, ocorre em pacientes que, mesmo após o término da psicoterapia formal continuam um processo de diálogo e relacionamento com o inconsciente de forma pessoal e particular. Este processo leva ao indivíduo diferenciar-se dos aspectos coletivos externos tais como papéis sociais, convenções e rituais institucionalizados e coletivos internos tais a identificação com valores, pensamentos e imagens culturais e mesmo arquetípicas. Jung mesmo ressalta que “Foram precisamente casos desta natureza que me convenceram de que o tratamento das neuroses se abre para um problema bem mais amplo, além do campo exclusivamente médico e diante do qual a ciência médica é de todo insatisfatória (Jung, 2011b, §3).

Esta limitação do campo científico implica também que o pesquisador, psicoterapeuta e médico deve reconhecer e tem consciência dos limites de seu conhecimento e atuação médica e profissional sendo consciente dos fundamentos da ciência e dos seus limites. De forma diversa, enquanto no campo da metafísica ou da religião, “O homem religioso é livre de aceitar quaisquer explicações metafísicas sobre a origem destas imagens” (Jung, 2011b, §16).

Devemos observar que Jung aqui trabalha com o conceito de ciência vigente nas primeiras décadas do século XX e que vai ser profundamente abalado e transformado pela emergência da mecânica quântica e, posteriormente, pelas reflexões contemporâneas tais como a antropologia, a fenomenologia, a teoria dos sistemas, astrofísica, mecânica das partículas entre diversos outros saberes. Jung estava consciente das transformações no campo científico como mostra o seu intenso diálogo com o físico W. Pauli, um dos fundadores da mecânica quântica e ele sempre diferenciou claramente os campos subjetivo da religião e objetivo da ciência. Ele mesmo adverte que “Quem se escandalizar com esta objetividade deverá considerar que sem ela não há ciência possível. Assim pois, negando à psicologia o direito à objetividade, estará tentando extinguir extemporaneamente a luz viva da ciência” (Jung, 2011b, §20).

Esta objetividade e conhecimento fornecido pela ciência ao ser humano é indispensável no processo de desenvolvimento da personalidade individual e da própria consciência cultural pois possibilita a diferenciação do ego em relação a seus conteúdos psíquicos ou inconsciente que seriam projetados na realidade externa. Isto pode ser observado na descrição realizada pelos alquimistas clássicos sobre a transformação da matéria nas operações alquímicas, “que ele vê ou pensa ver na matéria são principalmente os dados de seu próprio inconsciente nela projetados. Em outras palavras, ele encontra na matéria, como se pertencessem a ela, certas qualidades e significados potenciais de cuja natureza psíquica ele é inteiramente inconsciente” (Jung, 2011b, §332).

Este mesmo processo de projeção inconsciente na matéria Jung relata que ocorreu na observação das estrelas com a astrologia pois “Projeções deste tipo repetem-se todas as vezes que o homem tenta explorar uma escuridão vazia, preenchendo-a involuntariamente com formas vivas” (Jung, 2011b., §346).

Segundo Jung (2011b, §19s) Isto pode acarretar um conflito entre a ciência e o pensamento religioso e teológico quanto a experiência religiosa. Para a psicologia junguiana, esta experiência é interpretada como um acontecimento psíquico e natural, uma manifestação do arquétipo do Si Mesmo ou Self e deste modo as experiências religiosas se dirigem aos conteúdos da psique inconsciente. De forma diversa, para o pensamento religioso ou teológico estas experiências apontam para a divindade mesmo e sua realidade metafísica. Assim, ocorre uma certa oposição ou tensão entre a psicologia e o pensamento religioso.

Esta oposição ou tensão entre a ciência psicológica e o pensamento religioso ou metafísico emerge como inevitável tanto no aspecto teórico do conhecimento quanto da prática clínica. Isto ocorre da própria característica de cada campo do saber, apresenta-se insolúvel devido as limitações da condição humana. Ele deve ser resolvido precariamente e de forma particular e individual pelo ser humano, pois há uma necessidade e busca de sentido no ser humano que é parte fundamental no processo de individuação ou desenvolvimento da personalidade. Assim Jung ressalta a necessidade “tolerância, o

que não é difícil para a psicologia uma vez que esta, como ciência, não tem pretensões totalitárias” (Jung, 2011b, § 21).

Neste sentido, Jung critica o materialismo científico e a implicação da ciência como um fim em si mesma pois desta forma há um desprezo pela fantasia e uma exclusão do princípio vital e esta valorização absoluta da ciência “pode ser um mal, pois o que precisa ser desenvolvido é a própria vida” (Jung, 1991, §83).

Jung ressalta claramente a limitação da ciência em abordar o inconsciente e da possibilidade desta em responder as questões fundamentais da existência humana que são exatamente o campo da teologia, metafísica e da religião. Em suas palavras: “A ciência até hoje não foi capaz de apreender o enigma da vida, nem através da matéria orgânica, nem através das misteriosas séries de imagens que brotam da psique. Consequentemente ainda estamos à procura daquele princípio vital cuja existência devemos postular para além dos limites da experiência” (Jung, 2011a, §620)

Devemos relembrar que para Jung toda realidade é antes tudo psíquica e se fundamenta na psique, em última instância toda criação e atividade humana é produto da psique. Deste modo, “qualquer ciência é função da psique, e qualquer conhecimento nela se radica. Ela é o maior de todos os prodígios cósmicos e a conditio sine qua non do mundo enquanto objeto” (Jung, 2011a, §357).

Assim também esta tensão ou conflito entre a ciência e a metafísica, teologia ou pensamento religioso também é um produto da psique em seu processo contínuo de desenvolvimento da consciência e da personalidade. Ela deve ser suportada, vivenciada pela consciência que na sua função reflexiva e discriminadora pode fazer escolhas que estejam em adequação ao processo de desenvolvimento da psique e da personalidade como um todo. O resultado disto implica formar uma cosmovisão, isto é, “formar uma imagem do mundo e de si mesmo, saber o que é o mundo e quem sou eu” (Jung, 2011a, § 698) da melhor forma possível, apesar das múltiplas determinações e influências inconscientes. Deste modo, cada ser humano, especialmente aquele em sofrimento no processo de psicoterapia, tem como problema e tarefa constituir uma cosmovisão que ultrapassa em muito o campo da ciência ou a técnica psicoterapêutica.

Esta cosmovisão deve nos permitir e auxiliar a “a entrar em harmonia com o homem histórico que há em nós, de tal sorte que seus acordes profundos não sejam abafados pelos sons estridentes da consciência racional, ou a luz preciosa da consciência individual não se apague sob o peso das trevas espessas e infinitas da psique natural. Tão logo abordamos esta questão, devemos abandonar o terreno da ciência, porque agora precisamos da decisão criadora de confiar nossa vida a esta ou àquela hipótese. Em outras palavras: é aqui que começa o problema ético sem o qual é inconcebível qualquer cosmovisão (Jung, 2011a, §740)

DA PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA A COSMOLOGIA

A teoria e o campo terapêutico junguiano recuperam o aspecto simbólico, numinoso e religioso da psique como fundamentais para o processo de desenvolvimento da personalidade, designado como individuação. Na realidade, a situação é muito mais complexa, pois o desenvolvimento implica vínculo e diálogo como a imagem arquetípica que representa a totalidade, o centro, a organização e o movimento da psique, isto é, o SiMesmo ou Self. Pode-se interpretar que a individuação é a realização do Self na realidade temporal por meio da emergência de uma consciência capaz de reflexão, agência e escolha que implica um problema ético de “dever moral” de ação e escolha no sentido de realização do Self.

A individuação então é um processo de desenvolvimento de uma personalidade particular e única, de conexão com o inconsciente, diferenciação do coletivo e de superação das oposições existenciais remete ao seu próprio termo, ação de tornar-se indivíduo não dividido. Neste processo de individuação importa a autenticidade, ações, escolha e escuta da voz própria de cada ser humano em particular. Assim, a tarefa da individuação tem prioridade sobre as convenções, valores e moralidade coletiva e a decisão ética pertence ao indivíduo. Este deve suportar o conflito entre a seu processo de individuação e a moralidade coletiva para emergir uma resolução que inclua o ponto de vista da consciência e do inconsciente e que, por consequência, transcende o ego (Barreto, 2009).

Talvez nesta questão moral ou ética colocada pelo processo de individuação a consciência egóica esteja o cerne da relação do pensamento junguiano com as tradições religiosas dominantes como o cristianismo e as demais como alquimia e a gnose que aquelas que estiveram submersas na cultura ocidental. Neste contexto culturas, as tradições herméticas podem ser pensadas como parte da sombra do cristianismo dominante que representava o aspecto coletivo da cultura e, por consequência, o hermetismo, no papel da sombra coletiva, correspondia ao desenvolvimento da individualidade.

Na modernidade, Jung constata que as tradições religiosas, especialmente a cristão no ocidente, perderam muito o seu aspecto simbólico e sua dominância cultural sendo substituídas pelo materialismo e o racionalismo científico. Este negando ou desvalorizando a qualquer dado espiritual e transcendente implica em constituir um vazio na psique coletiva. Este espaço agora vazio, que antes era ocupado pelas tradições religiosas, tende a ser preenchido pela ciência, especialmente a psicologia. Observando que nesta situação a moralidade coletiva é justamente a concepção e valores materialista e científica do mundo. A escolha ética do indivíduo em função de sua individuação ocorre justamente em contraposição ao racionalismo científico dominante. Na sombra deste estariam justamente as tradições espirituais e metafísicas e o campo da religião, do mito e vinculado ao espiritual e transcendentel.

Esta tensão entre um racionalismo e empirismo científico e de caráter generalizador e nivelador e um campo da religião e das tradições espirituais e metafísicas,

aqui denominadas de modo geral por ciências herméticas, permeou pensamento junguiano em seus diferentes modelos, a saber, científico, estético artístico e mítico-religioso.

No início da sua obra, caracterizada pela perspectiva científica, Jung procura abordar este campo do “espiritual” por meio de uma perspectiva científica. Esta era mais aberta em relação ao seu objeto, um exemplo claro é sua dissertação “Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados oculto” (Jung, 1994) no qual analisa as sessões de uma médium espírita. Podemos pensar que os “fenômenos ocultos” e as ciências herméticas de modo geral são, neste modelo de Jung, incluídos como possíveis objetos para uma abordagem científica. A ciência tem ampliado o seu campo do real, incluindo os fenômenos ocultos, abandonando um materialismo estreito. Note, entretanto que os saberes e tradições dos “fenômenos ocultos” são traduzidos dentro de uma perspectiva científica. Eles possuem certa legitimidade e função, mas estão em um plano valorativo inferior ao conhecimento científico.

Na segunda metade da década de 1910, com seu rompimento com Freud, sua crise e confronto com o inconsciente ocorre uma mudança na vida e no pensamento de Jung traduzindo no modelo estético-artístico da psique. Ele é fundamentado nas próprias experiências de Jung com o seu inconsciente nas quais ele assume uma postura de observador e tenta compreender racionalmente. Neste processo a ciência para Jung assume um papel mais restrito, relativa a parcela da consciência e do pensamento. Também ela, e se mostra insuficiente para compreensão de suas vivências com o inconsciente, para dar sentido à existência e mesmo compreender a psique e a personalidade humana. Observando que Jung sempre se colocou como um empirista, um homem da ciência que procura compreender a psique humana. Ele constata que os “fenômenos ocultos” ultrapassam e o campo científico operando com outra lógica. Esta é a lógica do inconsciente, sendo simbólica, analógica, finalista, criativa, transformadora e operando de forma global e pela fantasia e imagens. Constatando que ocorre um reducionismo quando abordados pela lógica causal da ciência e insere esta perspectiva os aspectos da fantasia, criatividade e transformação na sua compreensão do mundo originando o modelo estéticocientífico. Assim, ocorre um enquadramento e limitação da ciência e uma valorização dos aspectos relacionados à lógica do inconsciente, que seria fundamentalmente o pensamento analógico. Este modo, próprio do inconsciente estaria então na base do campo religioso, das “ciências ocultas” e também na arte. Estes são valorizados e cultivados, mas contextualizados e ordenados pela consciência e por consequência validados ou confirmados pelo pensamento científico ampliado ou reformulado.

Embora abrangendo um campo maior de experiências, este modelo não contemplava os aspectos dinâmico, criativo e transformador da psique e seu movimento em direção a uma totalidade e transcendência que Jung experienciou. Ele percebia a limitação da sua perspectiva estética-artística e refletiu sobre as suas experiências, mas na esfera pessoal e subjetiva. O seu contato com a alquimia forneceu a Jung um fundamento histórico e uma

narrativa de experiências similares as suas e permitiu consolidar uma perspectiva mais ampliada da psique, mitica-religiosa. Esta aborda o contato e processo de transformação da consciência egoica em contato e diálogo com o inconsciente que lhe ultrapassa, transcende e fornece uma direção e sentido. Isto se personifica na imagem que simboliza o seu centro e a totalidade da psique e do cosmos - o Si-mesmo ou Self. A relação entre o ego limitado e temporal e este Self e inconsciente ilimitado e atemporal se manifesta nas narrativas míticas, religiosas e das “ciências ocultas”. Deste modo, Jung percebe a necessidade de uma perspectiva simbólica e mítica, materializada nos mitos, na religião e nas ciências herméticas, para compreender a personalidade humana e a psique. A ciência, vinculada ao ego, a realidade a o pensamento é avaliada como uma perspectiva fundamental para o ser humano, mas limitada e parcial. Ela deve ser completada por uma perspetiva mais ampla e sutil que corresponderia a experiência religiosa e mítica. Esta, relacionada ao contato do ego com o inconsciente e o Self e suas transformações, é justamente o campo da religião, mitos e esoterismo. Deste modo, este campo é existencialmente correlacionado e complementar ao campo da ciência e da consciência.

Deste modo, podemos afirmar que o pensamento junguiano contra suas cautelas iniciais – não só excede os limites da ciência psicológica (contemporânea), mas também de toda ciência empírica ou, ao menos, se situa desta vez explicitamente – e às vezes apesar dos temores de Jung – em uma zona limítrofe à metafísica. A psicologia se torna cosmologia, retornando, assim, a seu sentido original” (Nante, 2018, p. 205).

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Marco Heleno. A dimensão ética da psicologia analítica: individuação como “realização moral”. **Psicologia Clínica**, v. 21, p. 91-105, 2009.
- ELLENBERGER, H. F. **A descoberta do inconsciente: história e evolução da psiquiatria dinâmica.** Editora Perspectiva, 2024.
- GEWEHR, R. B. Entre filosofia e ciência: o problema do naturalismo na psicologia de Carl Gustav Jung. **Psicol. USP**, 30, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/01036564e20160020>. Acesso em 10/09/2024.
- GLOBONEWS. Considerado retrato de uma geração, musical “Hair” completa 35 anos. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2014/03/considerado-o-retrato-fiel-de-uma-geracao-hair-completa-35anos.html>. Edição do dia 18/03/2014. Acesso em 05/10/2024
- HAIR (filme-vídeo). Direção de Milos Forman, EUA: **CIP Filmproduktion GmbH**, color.,son., VHS, V.O., 120 min, 1979.
- HANEGRAAFF, Wouter Jacobus. New Age Movement. In: JONES, Lindsay (Org.). **Encyclopedia Of Religion**. 10 v. 2^a ed. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005, p. 6495-6500,

JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais.** (Obras Completas, Vol. III). Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia** (Obras Completas, Vol. XII).. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

JUNG, C. G. **Estudos psiquiátricos** (Obras Completas, Vol. I). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JUNG, C. G. **A natureza da psique** (Obras Completas, Vol. VIII). Editora Vozes Limitada, 2011a.

JUNG, C. G. **Estudos experimentais.** (Obras Completas, Vol. II) Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JUNG, C. G. **Freud e Jung: contrastes. Em Freud e a Psicanálise-**(Obras Completas, Vol IV). Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

JUNG, C. G. **O livro Vermelho- Liber Novus.** Vozes, 2010.

JUNG, C. G.. **Tipos psicológicos** (Obras Completas, Vol. VI). Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês.** Editora Vozes, 2017.

MARONI, Amnéris. **Eros na Passagem: uma leitura da Jung a partir de Bion.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

NANTE, Bernardo. **Livro Vermelho de Jung: Chaves para a compreensão de uma obra inexplicável.** Petrópolis: Vozes, 2018.

NOLL, Richard. **O culto de Jung. Origens de um movimento carismático.** São Paulo: Ática, 1996.

PALMEIRA, Amanda Barros Pereira; GEWEHR, Rodrigo Barros. Existe uma

Weltanschauung da Psicanálise?. **Cadernos de psicanálise** (Rio de Janeiro), v. 37, n. 32, p. 63-84, 2015.

REISDORFER, Ulianov. **Ciência, estética e mística: modelos na psicologia analítica.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP : [s. n.], 2009.

STERN, P. J. **C. G. Jung - O Profeta Atormentado.** São Paulo: Difel, 1977.

TACEY, D. **Jung and the New Age: A Study in Contrasts**”, The Round Table Press Review, (Philadelphia, Pennsylvania), Vol., No., April 1998, pp.1-11.

WINBORN, M. Bion And Jung Intersecting. Em **Re-Encountering Jung.** Londres, UK.:Routledge, 2017.